



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Madeleine Pereira de Souza

**FÓRUM DE ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA EM SÃO
GONÇALO: NARRANDO EXPERIÊNCIAS E CONSTRUINDO
PRÁTICAS NO COTIDIANO ESCOLAR**

SÃO GONÇALO
2015

Madeleine Pereira de Souza

**FÓRUM DE ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA EM SÃO GONÇALO:
NARRANDO EXPERIÊNCIAS E CONSTRUINDO PRÁTICAS NO COTIDIANO
ESCOLAR**

Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do curso de Pedagogia da
Faculdade de Formação de Professores da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jacqueline de Fátima dos Santos Morais

SÃO GONÇALO

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

S729 SOUZA, Madeleine Pereira de.

Fórum de alfabetização, leitura e escrita em São Gonçalo: narrando experiências e construindo práticas no cotidiano escolar/Madeleine Pereira de - 2015.

57f..

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jacqueline de Fátima dos Santos Morais.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Formação de professores 2.Educação permanente 3. Experiências I Morais, Jacqueline de Fátima dos Santos II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CDU 371.12

Madeleine Pereira de Souza

**FÓRUM DE ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA EM SÃO GONÇALO:
NARRANDO EXPERIÊNCIAS E CONSTRUINDO PRÁTICAS NO COTIDIANO
ESCOLAR**

Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do curso de Pedagogia da
Faculdade de Formação de Professores da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora: _____

Prof.^a. Dr.^a. Jacqueline de Fátima dos Santos Morais (Orientadora)

Faculdade de Formação de Professores da UERJ

Prof.^a. Ms. Aline Gomes da Silva

Instituto Nacional de Educação de Surdos

SÃO GONÇALO

DEDICATÓRIA

Dedico esses escritos a todos aqueles que assim como eu, vieram de classes populares, de uma educação pública e lutam no dia a dia para alcançar voos mais altos, mesmo que os ventos estejam empurrando contra.

AGRADECIMENTOS

A Deus que em nenhum momento me desamparou e me deu as forças necessárias durante a produção desse trabalho.

À minha família que sempre confiou em mim e sonhou comigo esse sonho: principalmente a minha mãe Maria, por quatro anos dedicados a minha formação, ao meu Pai Raimundo, meus irmãos Clóvis, Aurilene e Rozilene, meus sobrinhos Rogério, Mariana e Anderson (*in memorian*) e meu tio Espedito.

Agradeço meu agora noivo, Thiago Lucianelli que me apoiou e me encorajou muitas vezes em momentos de desânimo durante todo esse percurso da Graduação.

À minha orientadora Jacqueline Moraes, que tanto me ensinou nesses anos de convivência, se colocando numa relação de horizontalidade;

Às minhas companheiras do grupo de pesquisa GPALE, que juntas compartilhamos tantos aprendizados, mas também risadas e bons momentos;

Às amigas fiéis que a FFP me deu: Adriana Pereira, Danielle Aguiar, Ellen Caroline, Nayala Damas e Polyana Araújo que passaram todos esses anos me dedicando amizade, confiança e coragem;

Aos meus amigos que a vida me apresentou, agradeço por torcerem pelo meu sucesso.

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas,
consciente do inacabamento, sei que posso ir além dele.

Paulo Freire

RESUMO

SOUZA. Madeleine Pereira de. **Fórum de alfabetização, Leitura e Escrita em São Gonçalo: narrando experiências e construindo práticas no cotidiano escolar** Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Formação de Professores - Universidade do Estado do Rio de Janeiro / UERJ, São Gonçalo, 2015.

O presente trabalho traz reflexões a partir de uma atividade de pesquisa e extensão que ocorre na Faculdade de Formação de Professores da UERJ: o Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita de São Gonçalo (FALE-SG). Este se constitui também como espaço de formação continuada de professores.

Partindo de minha história de formação e de algumas narrativas docentes ocorridas no 15º e 16º FALE (2013), venho pensando formas outras de ser professora. Ouvindo outras vozes penso e repenso questões que atravessam meu cotidiano escolar e me coloco a pensar também sobre a natureza pesquisadora da ação docente, que considero de extrema importância para o educador.

Palavras-chave: Experiência. Formação continuada. Narrativas docentes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Praia de Canoa Quebrada, Ceará. -----	11
Figura 2 - Eu e Tia Vitória Régia na Festa Junina -----	15
Figura 3 - Turma da 4ª série, na E. E. Noronha Santos -----	17
Figura 4 - Colegas da 6ª série no CEMA -----	21
Figura 5 - Turma de Pedagogia -----	23
Figura 6 - Grupo de Pesquisa -----	24
Figura 7 - Minha turma do 2º Período 2013 -----	27
Figura 8 - Professora Flávia Castilho no 16º FALE na FFP, 2013 -----	28
Figura 9 - 16º FALE na FFP. Flávia mostrando uma atividade feita com os alunos- -----	32
Figura 10 - Professora Anne Helen no 15º FALE na FFP -----	44
Figura 11- Professora Anne Helen no 15º FALE na FFP -----	48

SUMÁRIO

1. MEMORIAL DE FORMAÇÃO	10
2. 16º FALE: QUANDO A FALA DO OUTRO AJUDA NA MINHA FORMAÇÃO.....	28
2.1 Com a palavra, Flávia Castilho	34
3. 15º FALE: CONHECENDO-ME PROFESSORA	40
3.1 Histórias em comum	44
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
5. REFERÊNCIAS	55

CAPÍTULO 1

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

ENTRE POSSÍVEIS CAMINHOS, ESCOLHI O MEU

Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo. (Eduardo Galeano)

Em meio a tantas luzes, cada qual com suas características próprias, como nos traz Galeano, brilham fogueiras com intensidades diferentes. Assim, vim a esse mundo mostrar minha luz, buscando meu lugar, tentando sempre fazer diferente e transmitir um pouco dessa luz a quem por ela passar.

Trazer para o papel a minha trajetória de vida é tarefa desafiadora pois significa retornar a um passado, acontecimentos e momentos. Confesso que é uma grande dificuldade que encontro. Para essa lembrança, recorri a minha mãe, a antigas e eternas professoras e a fotos e escritos que guardo com carinho até hoje.

Para início de conversa, acho importante dizer quem sou. Nasci em uma família de sangue nordestino, mas especificamente cearense. Fui a única a nascer fora deste estado pertencente à Região Nordeste do país. Alguns fatos interessantes envolvem essa cidade. Um deles pode ser conhecido através do site www.ceara.gov.br. Segundo esta fonte, em 1535, o Ceará enquanto ainda era uma das Capitânicas Hereditárias foi a primeira cidade brasileira a abolir a escravidão em 1884, antes mesmo da Princesa Isabel assinar a Lei Áurea. Deu-se assim o direito dos escravos viverem livres, longe da vida de humilhação em que estavam condicionados. Além disso, o Ceará possui paisagens naturais de beleza inigualável, como as praias de Jericoacoara, Lagoinha, Canoa Quebrada entre tantas outras...

Figura 1: Praia de Canoa Quebrada, Ceará.



Fonte: Google Imagens, 2015.

A praia de Canoa Quebrada é muito visitada por turistas, foi até cenário da novela jovem *Malhação*, no ano de 2009, exibida pela Rede Globo de Televisão. Essa é a única forma que a conheço, na verdade ainda não tive a oportunidade de conhecer a terra em que nasceram meus pais e irmãos. Estou devendo uma visita aos meus familiares.

Nasci em Niterói, cidade do estado do Rio de Janeiro, no ano de 1990. Sou a filha “temporã” de uma família com quatro filhos, um deles somente filho do meu pai. Minha mãe já tinha 40 anos quando engravidou. Não fui uma gravidez desejada, vim sem querer, como dizem. Fui, porém, conquistando meu lugar na família e na sociedade.

Divido minha infância em duas fases, de acordo com os dois lugares que morei quando criança. Ao nascer fui morar no bairro do Caramujo, que fica em Niterói, cidade do estado do Rio de Janeiro. Segundo o Portal da internet Niterói Comunidades, o nome desse bairro se deu por ter tido apenas um caminho para se chegar e sair dele. Este caminho era uma via de ruas sinuosas. Era necessário assim, dar muitas voltas para se chegar onde desejava. Os moradores compararam essa trajetória com o casco de um caramujo. Desde 1983 esse bairro concentra um grande lixão a céu aberto, conhecido como Lixão do Morro do Céu, inicialmente como uma atividade ilegal, se transformando numa realidade e uma das marcas da comunidade.

Algo que me marcou muito no tempo que morei nesse bairro, foi a violência existente, os tiros que eram frequentes, bem como ver policiais e bandidos em confronto no momento de ir à escola. Tudo aquilo me assustava muito. Eu desejava em meu coração morar num lugar melhor. Pedia todos os dias à minha mãe para vivermos com minha irmã Rozilene que morava em outro bairro. Pedia para que pudesse me ver livre de tamanho terror.

Apesar desse fato negativo, me recordo das amizades que cultivei nessa época. Aquelas amiguinhas da vizinhança estavam sempre em minha casa brincando e ainda estudavam na mesma escola. Até o mesmo corte de cabelo fazíamos... Ingênuas amizades que lembro com carinho.

Finalmente, no final de 1995 eu e minha família nos mudamos para o bairro do Fonseca, mas especificamente na comunidade das Palmeiras, também em Niterói. Foi nesse lugar que realmente fui criança, aquela que brincava na rua até tarde da noite, mesmo com 15 anos. Esse bairro como muitos outros, era cercado por fazendas. Deve-se seu nome a um fazendeiro da época, chamado José Fonseca Vasconcelos segundo a página na internet chamada ddp-fan. No século XX, alguns foram os marcos nesse bairro, como a construção do Horto Botânico, a Penitenciária, o Grupo Escolar Hilário Ribeiro e duas fortes instituições escolares privadas: o Colégio Brasil (que hoje não existe mais) e Nossa Senhora das Mercês.

Costumo dizer que tive sorte em vir morar nessa comunidade, pois além de não conviver mais com os tiros que eram frequentes no Caramujo, tive a alegria de conhecer amigos muito especiais, que tinham a mesma faixa etária que eu. A criatividade que tínhamos era grande, eram muitos tipos de brincadeira... Inventamos diversas músicas, subimos no morro com mochila nas costas repleta de bananas e iogurte, até cozinávamos à lenha. Muitas lembranças boas. Até hoje, quando nos reunimos, lembramo-nos desses acontecimentos e rimos. Rimos de alegria em saber que vivemos a infância que merecíamos, que nos foi proporcionada e que aproveitamos sem medo, sem reservas e com muita vontade. Hoje compreendo o quão importante foi viver esses momentos de pura ludicidade. Oliveira (2000) nos reafirma isso:

O brincar, por ser uma atividade livre que não inibe a fantasia, favorece o fortalecimento da autonomia da criança e contribui para a não formação e até quebra de estruturas defensivas. Ao brincar de

que é a mãe da boneca, por exemplo, a menina não apenas imita e se identifica com a figura materna, mas realmente vive intensamente a situação de poder gerar filhos, e de ser uma mãe boa, forte e confiável. (OLIVEIRA, 2000, p. 19)

É exatamente assim como diz acima que lembro de minha infância: uma brincadeira onde a fantasia era o ingrediente principal, onde vivíamos intensamente aqueles personagens que nos propúnhamos. Digo isso quanto às brincadeiras vividas em casa e principalmente na rua. Na escola não funcionava tão livremente assim.

Não lembro exatamente como foi minha pré-escola. A primeira escola que frequentei se chamava Escola Estadual Doutor Luciano Pestre, no bairro do Caramujo em Niterói. Não guardo muitas lembranças dessa época, pois entrei na escola com quatro anos, era bem pequena. Com a ajuda de fotos, começo a me recordar minimamente das festas, de professoras, de poucos colegas de classe... Fiquei pouco tempo nessa escola, por volta de dois anos. Cursei ali o primeiro e segundo período da Educação Infantil. Infelizmente minha mãe não guarda nada desse período da minha vida, há uns anos atrás resolveu levar tudo ao lixo.

O trabalho pedagógico desta escola eram bem tradicional, segundo minha mãe. As festas eram momentos em que as professoras preparavam artefatos para que nos enfeitássemos como de Índio, Coelho, Palhaço... Nas comemorações dos dias dos pais e das mães nos apresentávamos com músicas para homenageá-las, além de confeccionarmos lembrancinhas carinhosas. As atividades iam para as casas no fim do bimestre dentro de um envelope decorado. Eram atividades de desenho livre, colorir desenhos específicos, cobrir pontilhados... Tudo isso foi um pouco do que minha mãe me conta. Não era muito diferente da maioria das escolas de hoje, nos fazendo perceber que os caminhos da educação não progrediram aos mesmos passos que a Modernidade.

Tive duas professoras nessa época, as “Tias” Sônia e Vitória. Acredito que eram pessoas carinhosas, boas professoras, pois minha mãe diz que eu gostava muito de ir à escola e não admitia faltar um dia.

Trago o termo tia com aspas por compreender as diferentes interpretações a cerca dessa denominação. Paulo Freire é um autor que teve a preocupação em discutir sobre esse assunto, que há tempos vem sendo

colocado como uma questão na escola. Em seu livro “Professora sim, tia não - cartas para quem ousa ensinar”, o autor diz que:

A tentativa de reduzir a *professora* à condição de *tia* é uma “inocente” armadilha ideológica em que, tentando-se dar a ilusão de *adocicar* a vida da professora o que se tenta é amaciar a sua capacidade de luta ou entretê-la no exercício de tarefas fundamentais. (FREIRE, 2000, p. 25)

Assim precisamos compreender o lado ideológico deste termo, que aparentemente é bastante positivo e afetuoso. Essa forma de nomear o professor faz com que, de acordo com Freire, perca suas características profissionais e seja apenas uma extensão familiar. E mais:

É possível ser tia sem amar os sobrinhos, sem gostar sequer de ser tia, mas não é possível ser professora sem amar os alunos – mesmo que amar, só, não baste – e sem gostar do que se faz. É mais fácil, porém, sendo professora, dizer que não gosta de ensinar, do que sendo tia, dizer que não gosta de ser tia. Reduzir a professora a tia joga um pouco com esse temor embutido – o de tia recusar ser tia. (FREIRE, 2000, p. 25)

Devemos então, estar cientes dessa ideia que o título de Tia carrega. Há embutido nisso uma desvalorização do profissional. Porém, nada nos impede de querer ser chamada assim, lembrando que o afeto e principalmente o amor são fundamentais para uma boa aprendizagem e convivência na sala de aula. Até os dias atuais, continuo chamando minhas antigas professoras de Tia, sem problema algum de ambas as partes, bem como meus alunos me chamam.



Fonte: Arquivo Pessoal, 1995.

Como de costume e tradição, minha escola comemorava as datas importantes, como: Carnaval, Páscoa, Natal, Dia das Crianças, Festas Junina... Geralmente eram festas em que os alunos apresentavam algum espetáculo de música e dança. Eu, é claro, estava sempre participando. Não tinha vergonha, por incrível que pareça. Muitas escolas têm esse costume, ou melhor, a tradição de comemorar as datas festivas. Hoje com menos intensidade, pois a área da educação tem sido o foco de muitas pesquisas e assim muitas coisas vem mudando ao longo do tempo. Acredito na importância de sabermos o porquê de certas comemorações, afinal, isso é história cultural. O que acaba acontecendo é a dissociação dessas datas com o currículo escolar, com o contexto que deve ser trabalhado na escola. Essas são questões secundárias, como diz Saviani (1991, p. 16): "(...) o secundário pode tomar o lugar daquilo que é principal, deslocando-se, em consequência, para o âmbito do acessório aquelas atividades que constituem a razão de ser da escola." É o que vem acontecendo nas escolas, o que deveria ser uma complementação dos conteúdos trabalhados, vem sendo o núcleo curricular.

Minha mãe sempre foi participativa e interessada em meu desempenho na escola, apesar dela não ter tido a mesma oportunidade de estudos que eu,

quando criança. Assim, ela gostava de organizar festa no Dia dos Professores juntamente com as mães dos outros alunos da turma. Eram ótimos momentos. Não esqueço de uma vez que eu entreguei um buquê de flores para a professora. Esse dia é um dia importante e tem origem no Brasil Imperial, quando Pedro I implementou o decreto do Ensino Elementar no Brasil, onde todos os lugarejos, vilas, cidades, deveriam disponibilizar escolas. Cento e vinte anos depois o professor Samuel Becker teve a ideia de transformar esse dia, em um dia de descanso aos professores, que aconteceria anualmente, surgindo assim o Dia dos Professores, que ainda é lembrado e comemorado em nosso país.

A Escola Doutor Luciano Pestre, a qual iniciei minha escolarização existe até hoje. É uma escola com amplo espaço, salas grandes, tem uma quadra que na época não tinha, grades laterais e telhado. Acredito que hoje essa realidade já tenha mudado. O Jardim da Infância era logo ao lado direito do portão de entrada, separado do prédio do Ensino Fundamental. Havia um parquinho, com balanço, escorrego, gangorra e aquelas manilhas que serviam para passar por dentro, como um túnel. Eu adorava fazer aquela travessia no corre - corre do recreio.

Devido às fotos que guardo, a imagem física das duas professoras que tive nessa escola são bem marcantes e reais até hoje. Tia Sônia foi minha primeira professora, no chamado Jardim I. Já era uma senhora na época. Branca, de cabelos castanhos e curtos ao ombro, foi uma professora que gostei muito. Mas me dói não lembrar de nossa relação, de como era seu jeito. Minha mãe lembra-se dela até hoje com muito carinho e saudades daquela época. Foi ela quem ganhou o buquê de flores das minhas pequenas mãos.

Outra professora que tive foi a Tia Victória Régia (havia outra Victória). Essa era branquinha, com os cabelos meio alourados, encaracolados, mais curtos do que os da Tia Sônia. Escrevendo essas características, lembrei de seu modo de sorrir. Ela era muito sorridente. Nada mais, além disso, infelizmente.

Deus ouviu as preces daquela criança que só queria viver em paz. No fim de 1995 nos mudamos para perto da minha irmã, no bairro do Fonseca, na comunidade chamada Palmeiras, também em Niterói, local que vivo até os dias atuais. A princípio moramos numa casa emprestada, até meu pai construir a

nossa num terreno também emprestado. Ingressei nesse mesmo ano na Escola Estadual Noronha Santos, onde estudei até completar o Ensino Fundamental I. Desse momento eu lembro com um pouco mais de facilidade. Tenho um carinho muito grande por essa escola, pois lá conheci grandes amigos e professores inesquecíveis. Alguns deles ainda tenho contato, uns por morarem perto e outros via redes sociais.

Figura 3: Turma da 4ª série, na E. E. Noronha Santos



Fonte: Arquivo Pessoal, 2000.

Nessa escola iniciei na turma de Alfabetização, com a Tia Adriana. Jamais a esquecerei. Foi uma professora afetuosa com todos e que me ensinou a ler as palavras com entendimento. Eu já saí da outra escola lendo algumas palavras, mas foi na Escola Estadual Noronha Santos que meus olhos se abriram para o mundo que tinha ao meu redor. A partir do momento em que escrever era algo fácil para mim, não parava de escrever. Brincava de escolinha, de escritório... brincadeiras em que usávamos a escrita como fator principal. Lembro que eu e minhas amigas usávamos os famosos diários. Entre eu e uma delas, tínhamos um que era coletivo, cada dia uma escrevia o que desejava, o que sentia... Sampaio, Ribeiro, Helal, (2011, p. 96) me ajudam a entender aquilo que vivi com minha amiga, ao afirmarem que: “Sabemos que

as crianças encontram soluções criativas para escrever o que pensam, o que desejam, o que as mobiliza.”. Usamos uma solução criativa para escrever: Escrevemos “a quatro mãos”.

Eu amava escrever! Esse gosto pela escrita pode ter influenciado minha escolha em fazer o curso de Pedagogia, mas pouco me ajudou na vida acadêmica, que tem uma carga de escrita densa e complexa. E, também me livrou de estar nos dados de analfabetismo disponibilizados pelo Portal do Ministério da Educação no dia 27 de Setembro de 2013, que mostra que em nosso país existem cerca de 8,7% de analfabetos, número que caiu desde 2004.

Após algumas conversas com minha professora da classe de Alfabetização, uma pessoa muito especial, algumas lembranças foram se clareando e outras se revelando como uma novidade, algo que eu não sabia. Segundo ela, não usamos cartilhas, pois ela nunca gostou desse modo de alfabetizar e tentava fazer uma mistura do tradicional com algo que trazíamos de fora da escola. Morais (2008), nos ajuda a pensar sobre essa escolha que minha professora fez naquela época:

Para que possam aprender a ler e a escrever, a partir de uma metodologia tradicional, as crianças terão que abrir mão do que já sabem sobre a língua escrita, ou mesmo do que esperam que a aprendizagem da leitura e da escrita lhes proporcionem, para se enquadrarem no ritmo esperado, subordinado hegemonicamente à cópia e a repetição das palavras-chaves ou das famílias silábicas. (MORAIS, 2008, p.168)

Tia Adriana tinha a preocupação com os conhecimentos que carregávamos, vindos de fora da escola, apreendidos com a família, com a vida... Mas, não deixava de lado alguns dos pontos que acreditava serem importantes nesse processo de alfabetização, mesmo que considerados tradicionais.

Minha mãe conta que logo no início, nas primeiras semanas, eu não queria mais ir à escola e não dizia o motivo para que ela pudesse me ajudar. Após tentar várias vezes, confessei que eu não queria mais sentar perto de menino. Logo, foi resolvido e minha boa convivência na escola retornou. Não lembro o que eu realmente sentia em estar nessa situação, talvez eu tivesse vergonha da companhia de um menino diariamente ao meu lado. A professora então conversou comigo sobre o assunto e resolveu me colocar ao lado de

uma menina. Apenas isso. Atuando hoje como professora de Educação Infantil, experimentando o outro lado do cotidiano escolar, ainda não percebi em nenhum momento alguma situação dessas ou parecida. As crianças não veem problemas em sentar perto de uma outra criança de gênero diferente. Esse problema ainda não presenciei. Procuro sempre conversar com as crianças sobre as diferenças entre cada um, seja ela qual for. Acredito que isso ajude nessa aceitação do outro.

Mais um fato interessante nessa mesma época foi quando a Tia Adriana perguntou quem tomava mamadeira e eu, ainda tomava. Fiquei com vergonha de assumir. Disse ela, que no dia seguinte ia perguntar novamente e queria resposta. Ao chegar em casa contei tudo para minha mãe e resolvi não tomar mais mamadeira. Noto assim como a influência da professora é grande na vida de um aluno, pois “É que o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo.” (FREIRE, 1999, p. 71). Se ela exercesse um trabalho que apenas a beneficiasse, talvez a importância dela na minha vida naquele momento não existisse e não tivesse parado de tomar madeira.

Tia Adriana era uma professora que sabia escutar seus alunos e se importava com o que tínhamos a dizer. Mais uma vez Paulo Freire vem me ajudar a descrever essa professora, dizendo que “Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele.” (1999, p. 127). Assim fazia ela, falava com cada aluno, humildemente, mesmo que em algumas vezes necessitasse falar a cada um.

No ensino fundamental, quando eu já estava na 3^o série, se eu não me engano, estudava com a Tia Luisa. Toda sexta-feira levávamos um livro para casa. Podíamos escolher qual quiséssemos. Hoje percebo e entendo que “Não eram aqueles momentos ‘lição de leitura’, no sentido tradicional desta expressão.” (FREIRE, 1989, p. 11). Entendo que Freire nesta frase alerta para a importância da leitura livre, que surge a partir da vontade do sujeito, de seu interesse, essa leitura sim, trará novos significados, e um olhar mais crítico a cerca dos acontecimentos da vida.

Era um momento livre, que nos sentíamos libertos a expor nossas vontades, gostos... Nossa vontade era respeitada. Teve um que me marcou muito, que se chamava “O mistério da fábrica de livros”. Na verdade não

lembro com perfeição a história contada por ele, mas sei que se tratava de amor. Há pouco tempo consegui encontra-lo na internet em pdf. Comecei a ler, mas não me interessei e não prossegui a leitura. Essa foi uma época em que muito foi incentivada a leitura na escola. Existem outros textos que pelo menos o título eu jamais irei esquecer, que marcaram essa fase, como: “Marcelo, Marmelo, Martelo”, da Ruth Rocha, “Menina Bonita do Laço de Fita” e “Janjão o Fortão e Pinote o Fracote” da Ana Maria Machado. Sempre que os leio me sinto de certa forma na infância. Talvez esse incentivo que tive tenha me levado a brincadeiras que envolviam a escrita e a leitura. Acima de tudo, a leitura teve um significado positivo para mim, como apontam Pina e Sampaio (2010): “Assim, ler não é apenas ler ficção ou poesia. Consequentemente, o leitor não é somente aquele que lê literatura, o leitor é o sujeito que lê qualquer texto, do poema à bula de remédio.” (PINA, SAMPAIO, 2010, p. 59). As autoras me fazem compreender a noção de leitor, que não é somente aquele que está na Academia, num nível superior, mas aquele que tem o hábito e o gosto pela leitura, que entende o verdadeiro sentido de ler.

A partir dali, eu lia o que me interessava, o que me atraía, não importava o tipo de leitura. O válido mesmo era somente ler, estar em contato com as palavras. E também há aquele lê porque se interessa nessa tarefa e outros, como eu que transformava as brincadeiras somente pelo prazer de usar a escrita.

Eu e minhas amigas que tinham a mesma faixa etária que eu, costumávamos brincar de escolinha. Cada uma tinha seus alunos, que eram os vizinhos e meus sobrinhos, um pouco mais novos que nós.

Concluindo o Ensino Fundamental I, tive que mudar de escola. Na época (não sei como é hoje), o responsável fazia a inscrição por telefone. Escolhia três nomes de escolas próximas à sua residência, e após um tempo recebia em sua casa uma carta com o nome da escola escolhida. Tenho guardada até hoje a minha carta, que foi a porta para uma nova etapa da minha vida, a qual não esqueço, pois ainda é bem presente na minha memória.

Assim fui estudar no Colégio Estadual Machado de Assis (CEMA), também no Fonseca. Nessa instituição atendia da 5ª série do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Completei todo esse ciclo no CEMA. Gostei muito de ter passado por essa escola. Foram sete anos convivendo

naquele espaço, com amigos que seguiram durante todo esse tempo comigo, diversos professores que guardo com carinho ainda hoje. Tive com eles uma ótima relação. Mostravam-se sempre dispostos a me ajudar, tirar dúvidas, além da amizade que formamos.

Figura 4: Colegas da 6ª série no CEMA.



Fonte: Arquivo Pessoal. 2002.

Nesse tempo conheci vários colegas de turma, professores e até funcionários com quem me identifiquei muito, que demonstravam carinho por mim e eu, por eles. Muitas brincadeiras, risadas, discussões, confusões, colas (não muitas!), dúvidas e até choros, quando ficava em recuperação. Tudo isso vivi nesta escola.

Poucos foram os passeios que fizemos. Para isso pegávamos o ônibus em frente à escola. Nem sequer os professores conseguiam ônibus particular. Infelizmente as aulas se concentravam mais na sala de aula, não haviam muitos momentos fora dela.

Lembro que participei do I FEPOEMA, um festival de poemas, no qual o meu selecionado a concorrer. Não ganhei em primeira colocação, mas fiquei feliz em estar vivenciando aquele momento, pois até então eu não acreditava em minha capacidade de produzir um poema, ou qualquer tipo de texto que fosse reconhecido pelo outro e por outro lado. Não era comum termos esse tipo de evento na escola.

Apenas nas aulas de Educação Física íamos para fora da sala, mas não havia condições necessárias para que usássemos a quadra da escola. Ela, até hoje, é de areia, com as grades. As balizas sempre estavam caindo aos pedaços e havia buracos no chão, um pouco pior atualmente. É lamentável uma escola ter uma quadra nessas condições. Desde o ano que entrei como aluna, ouvia sobre a necessidade de melhora da quadra. Nada foi feito até hoje.

Não posso negar que vivi um bom Ensino Médio. Sempre fui considerada uma boa aluna, interessada, participativa e com boas notas. Tive algumas dificuldades, como qualquer outra pessoa, ainda mais nas disciplinas de Matemática ou qualquer outra que necessitasse dela, como Física ou Química. Apesar dessas disciplinas, segui do 2º segmento do Ensino Fundamental ao Ensino Médio sem repetências. Tinha uma amiga que me ajudava muito nos momentos difíceis e devido sua ajuda, algumas vezes me livreii da recuperação e em outras da repetência.

Tenho apenas uma reclamação, talvez do CEMA. Pelo que me recordo, não era uma escola que focava no Vestibular. Não ouvia muito dizer sobre isso. Os professores não se importavam com nosso futuro nesse sentido. Poucas foram às vezes que esse foi um assunto importante. Acredito que por esse fato, meu desejo de me tornar uma jornalista e um dia apresentar o Jornal Nacional, como eu dizia, não foi levado a sério por mim. Faltava um apoio maior dos professores e da escola de uma forma geral.

Assim fiquei por volta de três anos sem estudar nem tentar vestibular. Ingressei no mercado de trabalho. Agi como muitos outros jovens de comunidade carente, que desistem de seguir o caminho do conhecimento e optam pelo caminho mais curto e mais fácil talvez, que é trabalhar.

No ano de 2009 resolvi fazer um pré-vestibular, para mudar essa realidade que eu vivia. Decidi que queria voltar a estudar e com a ajuda da minha amiga Thayssa, fui convencida a prestar vestibular para Pedagogia. Minha ideia inicial tinha se perdido e uma nova estava começando. O entusiasmo era grande de minha parte.

Para iniciar esse novo caminho que resolvi traçar, fiz a prova do pré-vestibular da UFF e passei. A partir daí foquei no meu objetivo que minha

amiga mostrou ser o melhor para mim, talvez a profissão que me daria alegria e satisfação futuramente.

Figura 5: Turma de Pedagogia



Fonte: Arquivo Pessoal, 2011.

Por fim passei no Vestibular 2011 da UERJ. Escolhi a Faculdade de Formação de Professores para ser minha instituição, primeiramente por estar localizada em São Gonçalo, cidade mais perto de Niterói, e principalmente para não precisar encarar a Ponte Rio-Niterói, que se torna um caos pela manhã, devido ao congestionamento de automóveis.

A felicidade de cursar uma faculdade pública é grande, porém acreditamos que por não pagar mensalidade, não teremos dificuldades. Isso é um engano, pois no início eu trabalhava como auxiliar numa escola particular próximo a minha casa. Meu salário era de R\$ 150 reais e mal dava para eu sobreviver. Era meu pai quem pagava minhas passagens à faculdade. No total eram quatro passagens. Algumas vezes não tinha o dinheiro e a solução era pedir a uma das minhas irmãs que ajudava com a maior satisfação, mesmo sendo difícil também para elas me ajudar.

Atualmente minha maior dificuldade é conciliar a carga de estudos da faculdade, meus afazeres de bolsista, com minhas tarefas como professora de Educação Infantil, na mesma escola a qual iniciei em 2011 como auxiliar. Há

momentos complicados, em que tenho que dormir tarde, acordar cedo... É uma batalha diária minha vida.

Entendo que todo esse esforço que venho fazendo, me traz diversos saberes, que vão além dos conteúdos que aprendemos na Universidade. Um novo olhar sobre os fatos, as pessoas, a vida, o mundo e claro, sobre a educação, vão se formando a partir do momento que entrei na Faculdade de Formação de Professores. O convívio com diferentes pensamentos, de autores, professores e dos colegas de classe, nos levam a ver as coisas por um ângulo que não havia pensado anteriormente. Poder estar num espaço como a Universidade para mim, tem sido um dos momentos mais felizes e prazerosos da minha vida.

Figura 6: Grupo de Pesquisa



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

A FFP me ensinou a ler o mundo, como nos diz Paulo Freire. Duvidar de tudo que é posto, tudo que é dado. Ensinou-me também a ler e entender o aquilo que leio, uma prática que ainda vem sendo desafiadora para mim. E, cima de tudo me ensinou que temos que amar o que fazemos para que não se torne um tormento, um sofrimento. Ser professor requer amor para que seja uma prática prazerosa tanto para o professor, quanto para o aluno. Além desse amor que é importante, Paulo Freire nos mostra que:

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica. (FREIRE, 1989, p.136)

É exatamente assim, como nos aponta Freire, procuro carregar essas qualidades e tantas outras que acredito serem fundamentais para uma prática pedagógica significativa, que cause mudança na minha vida e na de meus alunos, acreditando que essas qualidades são relevantes para minha constituição como profissional e aluna na Faculdade de Formação de Professores.

Em meio a todas essas aprendizagens, enquanto estudante de Pedagogia, desejava fazer parte de um grupo de pesquisa. Não nego que o dinheiro me interessava, mas a vontade de viver em mais um espaço de aprendizagem me interessava ainda mais. Em 2013, surgiu a oportunidade de fazer uma prova de seleção para o grupo de pesquisa da professora Jacqueline Moraes, que tem seu foco na alfabetização, que sempre foi um tema que movia minha curiosidade.

Eu havia feito a disciplina de Alfabetização III com a Jacqueline. E gostava muito da didática que ela usava e tudo que nos propunha. Um dia me surpreendi quando ela veio até mim e disse que gostaria muito que eu fizesse parte de seu grupo. Fiquei num estado pleno de alegria, pois naquele momento parecia que eu estava a caminho de uma experiência que seria ímpar em minha formação. Receber esse convite significava muito para mim.

Lembro que não houve muitas inscrições para a seleção, apenas a minha e de mais duas colegas. Assim todas nós fomos selecionadas a participar do grupo. Iniciamos em Abril de 2013 e continuamos na caminhada. Na mesma época entraram mais companheiras para o grupo. No início de 2014 éramos um total de nove bolsistas.

Nosso projeto trabalha com formação continuada. Organizamos mensalmente um fórum chamado Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita de São Gonçalo, o FALE, que se caracteriza em um espaço onde se discute novas formas de se alfabetizar no cotidiano escolar, deixando de lado os

modelos tradicionais de ensino e buscando formas baseadas na palavravmundo, de Paulo Freire.

Vivenciando diversas questões que envolvem a leitura, a escrita e a escola com suas complexidades, me inquieto em perceber que infelizmente a escola não vem sendo o que deveria ser e acaba se tornando um espaço algumas vezes espaços de exclusão e de silenciamento. Os caminhos da educação ao longo dos tempos não se modernizaram muito desde a palmatória. Houve diversos avanços no mundo, mas a educação foi deixada de lado, banalizada.

Desde 2011 tenho a oportunidade de estar inserida numa escola particular em Niterói, no Fonseca. Vem sendo uma grande experiência para minha formação e minha prática profissional. É nesse espaço que tento aplicar minhas aprendizagens da Universidade, tudo que venho estudando durante quase três anos formação. É uma tarefa que se mostra a cada dia mais difícil, pois a escola particular pensa a educação de uma forma diferente do que aprendo diariamente na faculdade. Esse é um assunto que discutimos muito no FALE e em nossas reuniões do grupo de pesquisa. Porém, sei que temos que tentar fazer diferente em meio ao que nos é imposto. Esse é um dos papéis do professor de hoje. São tentativas que venho fazendo aos poucos, com tranquilidade, errando muitas vezes, mas também acertando em alguns casos.

Figura 7: Minha turma do 2º Período 2013



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

É a partir dessa dicotomia que vivencio que o tema de minha monografia foi pensado. Pretendo compartilhar as contribuições do Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita de São Gonçalo em minha prática como professora da Educação Infantil.

Acredito que poder dividir com tantos outros estudantes e professores questões relacionadas à prática educacional é de fundamental importância para ambas às partes, além de uma confirmação para mim mesma de que vale a pena pesquisar a própria prática.

CAPÍTULO 2

16º FALE: QUANDO A FALA DO OUTRO AJUDA NA MINHA FORMAÇÃO

Início este capítulo de meu trabalho monográfico trazendo algumas experiências vivenciadas por mim no 16º Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita de São Gonçalo, ocorrido no dia 29 de Maio de 2013, na Faculdade de Formação de Professores. Esse encontro teve como tema “Alfabetização na idade certa: das políticas públicas ao cotidiano escolar”. Como de tradição, duas foram as convidadas para compartilhar seus saberes: a professora alfabetizadora da rede pública de Duque de Caxias, Flávia Castilho e a professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), Maria Teresa Esteban.

Figura 8: Professora Flávia Castilho no 16º
FALE na FFP, 2013.



Fonte: Arquivo do GPALE, 2013.

O 16º FALE aconteceu no auditório de nossa Faculdade. Iniciou-se por volta das nove horas da manhã, numa quarta-feira, e contou com um público de quase 270 ouvintes, o recorde até hoje de nossos encontros. Dentre esses ouvintes, havia estudantes de licenciaturas, principalmente de Pedagogia, tanto

da FFP como de outras Universidades, estudantes de Curso Normal, professoras universitárias e professores/as da rede de São Gonçalo e demais interessados. Sabemos desse público porque a cada encontro é há uma ata de presença onde os ouvintes assinam, para termos a compreensão do número de pessoas que estamos atingindo.

De acordo com a ata de presença, podemos ter uma noção mais clara e mais objetiva sobre a formação das pessoas que participaram deste 16º Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita. A maior parte já é professor/a ou faz parte do curso de Pedagogia, o que nos impulsiona a manter vivo esse espaço, já que está sendo bem aproveitado principalmente pelos estudantes de Pedagogia.

Tratarei neste capítulo de analisar algumas falas da professora Flávia, as quais considereei mostrarem aspectos importantes de uma prática docente que nega o tradicional. Essa professora entende que a Alfabetização vai muito além da leitura e da escrita, mas é um momento em que se formam sujeitos sociais, críticos, transformadores da sociedade. Segundo Freire, “alfabetizar-se não é aprender a repetir palavras, mas dizer a sua palavra, criadora de cultura.” (FREIRE, 2014, p. 25). Conforme o autor afirma, alfabetizar é entendido como uma forma de conscientização, de liberdade, de poder escrever a sua palavra, e assim, o sujeito pode-se formar autor de sua própria história, encontrar seu lugar legítimo nessa sociedade excludente. Seguindo a partir de sua ideia é preciso respeitar o educando e valorizar seus saberes.

Conforme nos ensina mais uma vez Paulo Freire, “Por que não estabelecer uma necessária ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” (1999, p. 34). O autor nos tira de nossa zona de conforto, nos fazendo pensar na relação entre os saberes dos educandos e os conteúdos. É interessante mostrá-los que o conhecimento que trazem consigo são de grande importância para o contexto escolar. Assim vem trabalhando a professora Flávia: relacionando os conteúdos escolares com as vivências de seus alunos, tornando a aprendizagem mais interessante, pois nasce a partir de algo concreto para eles. Usando a cartilha, reproduziam apenas palavras, que muitas vezes não fazem parte de seu contexto social. Dessa forma, a

aprendizagem não teria sentido para aquelas crianças, pois, aprender a partir do que já conhecem torna esse processo mais fácil.

Logo que ingressei no grupo de pesquisa da professora Jacqueline Moraes e comecei de fato a participar dos encontros do FALE, como pesquisadora além de aluna do curso de Pedagogia, me surpreendi com as falas das professoras convidadas. Deparei-me com uma nova ideia de Alfabetização até então desconhecida por mim, bem diferente daquela ao qual a maioria das pessoas foi alfabetizada e que aparentemente vem dando certo. Digo aparentemente por conhecer diversas pessoas oriundas da classe popular, assim como eu e, que também sofreram ao ingressar na Universidade, por conta das dificuldades de interpretação e de produção textual, pois fomos ensinados a repetir algo dado.

Essa é uma realidade importante e que deve ser repensada. Como continuar assim? Com um trabalho de formiguinha, como o da professora Flávia Castilho e de tantas outras, que podem ajudar a mudar esse e outros problemas que estamos vivendo na educação hoje em nosso país. Acredito que tal sofrimento vivido por muitos jovens se dê também por conta do uso das cartilhas, pois como mais uma vez afirma Moraes, “Na sala de aula a professora tem a ilusão de que é a cartilha quem melhor e mais eficientemente guiará o processo alfabetizador do seu aluno.” (MORAIS, 2008, p. 165). E, acaba caindo na armadilha de que o aluno está se alfabetizando de fato. O prejuízo surge no futuro, quando o aluno é posto à prova, em algum momento de sua vida.

A princípio achava tudo utópico demais. Parecia até impossível alfabetizar crianças com aqueles tipos de propostas pedagógicas trazidas pelas professoras. Em geral, as educadores/as que se apresentam no FALE relacionavam o que apresentavam com as ideias de Paulo Freire. Eu não conseguia compreender muito bem o tudo aquilo. Ainda é muito forte a concepção bancária, denunciada por Freire. De acordo com Oliveira, Moraes e Braun:

Esta concepção, apontada por Freire como *bancária*, encontra-se ainda resistindo e reexistindo no campo escolar, apesar de toda a crítica a este respeito, marcando o cotidiano, impregnando as relações entre os sujeitos escolares, indicando ações e intenções educativas, direcionando formas tanto de planejamento quanto de avaliação. (2010, p. 247)

Pensando juntamente com as autoras, ressalto dizendo que fui uma estudante que passou toda a sua escolaridade a sombra de uma educação bancária. Percebo através das crianças as quais tenho contato, que essa concepção ainda se mantém viva dentro das salas de aula do Brasil.

Com minha vivência no FALE, ouvindo as professoras narrarem suas práticas, percebi o quanto esse conceito de educação bancária dado por Freire é real. Eu vivi não muito tempo atrás, uma escola que entendia o ensinar como depositar conhecimento. Muitas vezes, nós professoras, não notamos, mas “Essas crenças e valores nos habitam e é com elas que operamos em nossas sala de aula, sabedoras disso ou não.” (OLIVEIRA; MORAIS; BRAUN, 2010, p. 248). Concordo com as autoras, de fato a prática do professor é influenciada positiva ou negativamente por sentimentos que nos atravessam, vivências da infância ou da vida como um todo. Muitas vezes não percebemos essa influência e os anos vão se passando e mantemos uma prática vazia, sem significado, como aquela que foram experimentadas por nós quando crianças. Provocando assim, uma estagnação no desenvolvimento do aluno, colocando-o como mero receptor de informações e perdendo a oportunidade de formar cidadãos diferentes do que fomos formados.

Com o passar do tempo, ao ler muitos textos, participar de rodas de conversa sobre Alfabetização, até mesmo conversas informais, fui compreendendo melhor a tal “leitura de mundo”, que tanto ouvia falar no FALE.

Para Freire “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”. (1989, p. 9). Com a ajuda deste autor, entendo que ler o mundo é compreender e viver tudo aquilo que nos circunda, dar significado aos acontecimentos e experiências cotidianas e a partir daí sim, partir para a tentativa de ler as palavras. Desta forma o que a escola vem proporcionar, ganha mais força e interesse dos educandos.

No 16º FALE a professora Flávia Castilho me chamou atenção com suas falas. Além de ser uma pessoa que tem a facilidade em “prender” a atenção do outro, tem senso de humor, o que me fez admirá-la ainda mais. Em suas falas, a todo o instante, ela mostrava o que é ser professora e como ela vem ao longo de sua carreira docente tentando melhorar a cada dia sua prática dentro da sala de aula. Novamente Freire nos ajuda, dizendo que “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima

prática.” (FREIRE, 2000, p.22). O ato de pensar a própria prática, trazido por Freire como fundamental para o professor me faz entender como é importante ter esse momento como o FALE. Assim, nós professores podemos refletir sobre a forma que estamos agindo dentro de nossa sala e mais, se nossa prática ajuda realmente a formar alunos críticos, que questionem e pensem sobre o que acontece a sua volta.

Assim, repensando a todo instante sua prática, ela nos trouxe algumas atividades que propôs em sua turma de alfabetizados. A partir daí tive a compreensão do que é “ler o mundo” como diz tão sabiamente Paulo Freire.

Figura 9: 16º FALE na FFP. Flávia mostrando uma atividade feita com os alunos.



Fonte: Arquivo do GPALE, 2013.

A sensibilidade daquela professora me fez pensar muitas coisas e principalmente tentar mudar aspectos dentro da minha sala de aula da Educação Infantil, que vem sendo tão tradicional. Paulo Freire (1999) sabiamente aponta que como professor (a), devo estar:

tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. (p. 159)

Esse querer bem que Freire traz, não é o ato de gostar de todos os alunos igualmente, mas de estar aberto ao afeto, sem medos e receios. Mantendo uma relação afetuosa com os educandos, o processo da aprendizagem só tem a ganhar, pois o aluno passa a confiar em seu professor e se torna também mais aberto a esse afeto e assim, também ao conhecimento. Um professor com fama de carrasco terá dificuldades em ganhar a confiança dos alunos. Já um professor que se mostra aberto e próximo dele, pode manter uma ótima relação.

No ensino médio tive uma professora por quem me encantei, pois eu costumava sentar a frente na sala de aula, mas na frente da mesa do professor. Isso facilitava meu contato com eles. Até que no 1º ano conheci a Lilian. Ela me tratava diferente dos demais professores. Acredito que ela percebia meu interesse na aula e isso foi nos deixando mais próximas ao ponto de frequentar a casa dela, conhecer sua família... Hoje ainda tenho contato com ela e a tenho como uma professora que fez para mim, a diferença na escola. Seu afeto e carinho me chamaram a atenção e resultou numa amizade. Lembrando que:

não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever professor no exercício de minha autoridade. (FREIRE, 1999, p. 160).

Como professores devemos saber dosar afetividade e a autoridade, num sentido de respeito uns com os outros, para que possamos cumprir com nosso papel de professor, que é auxiliar o aluno a construir saberes e refletir sobre os acontecimentos vividos e não afetar negativamente esse processo de aprendizagem dos alunos.

Ao presenciar Flávia narrar suas experiências de erros e acertos, me motivou a querer fazer melhor para meus alunos e para mim mesma, além de escolher trazer as narrativas docentes do FALE como foco central de minha monografia.

Mas o que são narrativas? Walter Benjamin no texto “O narrador” afirma que “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.” (BENJAMIN, 1994, p. 4-5). É nessa perspectiva que entendo a narrativa, onde o professor conta sua experiência em sala de aula com seus

alunos e através de sua fala, os ouvintes vão incorporando e entrelaçando com suas experiências pessoais, em suas salas, com seus alunos. Assim, deixam de ser apenas memórias, guardadas e ganham vida, podendo ser reproduzidas em outros espaços, claro com suas particularidades. As narrativas são de extrema importância na formação docente, é uma oportunidade de aprender com a experiência do outro.

2.1 Com a palavra, Flávia Castilho

Flávia Castilho iniciou sua fala se apresentando: “Meu nome é Flavia Castilho e sou estudante, sempre estudante e professora.” (Flavia Castilho. 16º FALE São Gonçalo, 29/05/2013).

Esta fala nos dá pistas sobre a identidade desta professora: estudante e professora. A maneira como se apresenta, nos traz a lembrança, as palavras de Paulo Freire (1999):

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 1999, p. 25)

Como podemos ver na citação acima, Freire nos mostra que a relação professor/aluno deve ser atravessada por uma horizontalidade, onde todos os envolvidos aprendem e ensinam mutuamente. Acredito que não há como ser professor e não aprender nada com seus alunos. Ter uma relação horizontal é não se colocar acima do outro, sendo aquele que sabe mais, mas se colocar numa posição de aprendiz, como a Flávia vem tentando em sua prática. Um momento em minha sala de aula, que fica mais explícito essa relação de aprendizagem mútua, é a rodinha, pois é onde todos podemos dialogar, ouvir o outro, perguntar e aprender com as falas. O sentar-se no chão com os pequenos, já estreita a relação entre professor e aluno e possibilita um momento de escuta. Destaco aqui uma experiência que tive com uma de minhas turmas. Em um dia de rodinha, estávamos conversando sobre o que tinham feito no final de semana, quando uma das crianças avistou uma

lagartixa andando na parede. Naquele instante a rodinha ficou de lado e todos foram olhar para o bicho. Eu falei que aquilo era um camaleão e várias crianças vieram me corrigir, dizendo que era uma lagartixa. Então, demos um nome para ela, se chamaria Pedro. Durante aquela semana Pedro costumava aparecer e era sempre aquela algazarra. Junto com ela, surgiam as perguntas curiosas a cerca daquele bicho. Até que naquela mesma semana fui a FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) e encontrei um livro que falava sobre lagartixa. Não tive dúvidas, levei o livro para a sala e juntos, aprendemos diversas coisas sobre o Pedro e seus amigos. Construimos um cartaz com o que eles aprenderam sobre as lagartixas. Toda essa aprendizagem começou na rodinha.

Para haver a docência é necessário que haja também os discentes, ou seja, os alunos, pois os sujeitos dependem um do outro para que o processo educativo aconteça. Muitos professores até mesmo na Universidade não vivem essa ideia, agem como detentores do poder, deixam as contribuições de Paulo Freire enterradas, esquecidas na sua prática cotidiana e ficam apenas no diálogo dos eventos acadêmicos. Um aluno sozinho, sem um professor para estimulá-lo, não produz muito e um professor com seus conhecimentos guardados, sem ter com quem dialogar, também não tem vantagem alguma. Esses dois sujeitos precisam estar em contato, trocando o que sabem e ajudando o outro em sua formação.

Muitos foram os casos que vivi na Universidade em que o professor pede para que os alunos leiam um texto, fazendo em seguida outro texto. Dessa forma o aluno não ganha o que ganharia se houvesse um diálogo a cerca daquela ideia. Ouvir o que o outro pensa nos ajuda a criar nossa própria opinião. Pensando para além da escola e levando para nossa vida, podemos notar que precisamos na maioria das vezes do outro, pai, mãe, irmãos, amigos para realizarmos ou aprendermos algo. Acredito que assim possamos perceber melhor como a presença do outro em nossa vida, seja ela formativa ou pessoal é de grande importância.

É se colocando nesse lugar de eterna aprendiz que a professora Flávia se apresenta para aquele grande número de pessoas no 16º Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita. Ela se assume como alguém que também aprende com seus alunos. “Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras,

ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender” (FREIRE, 1999, p. 26). Ou seja, para se ensinar algo, há de se aprender primeiro. Pensando desta forma a prática docente, é que a Flávia vem trilhando seus caminhos. Além de uma postura de humildade, de se colocar numa horizontalidade em relação ao seu educando, me fez pensar como ainda falta isso dentro das salas de aula: uma professora que se sobressaia não pelo seu poder sobre os alunos, mas sobre sua humildade na relação com os mesmos. Em minha sala de aula há uma luta constante comigo mesma. Em determinadas situações penso em usar o “poder de professora”, mas logo procuro resolver a situação de maneira civilizatória, ouvindo e olhando nos olhos.

Lembro de um professor de História que tive no 6º ano, antiga 5ª série, que era muito querido e respeitado pelos alunos, mas não por causar “terror”, mas exatamente por se colocar numa posição de humildade. Sua relação com os alunos era tão amigável, de carinho, respeito, que minha turma o chamava de “Vôgério” (o nome dele é Rogério). Ele não se importava e entendia que era uma forma de retribuir toda a atenção e momentos de descontração que ele transformava suas aulas. Até hoje, quando o encontro em algum lugar, o chamo pelo apelido e ele ainda gosta. Percebo que essa relação professora/aluno que a Flávia nos trouxe nesse FALE, tem forte relação com a relação professor/aluno que meu professor mantinha com a turma. Dessa forma, a convivência em sala de aula só tem a ganhar.

Ainda refletindo sobre as palavras da professora Flávia Castilho, anteriormente, o interessante é verificar quais os sentidos que a palavra “estudar” possui no dicionário. Segundo o Minidicionário Aurélio Século XXI, (2001, p. 299), entre outros significados, estudar é: “Aplicar inteligência a, para aprender. Observar-se, analisar-se”. Nesse sentido que a professora vem vivenciando sua vida e prática docente, pautada na ideia de que mesmo sendo a professora, ela também deve se manter estudante, a fim de estar sempre se analisando, se observando e aprendendo com os demais.

Paulo Freire (1982) entende que “Estudar é uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever – tarefa de sujeito e não de objeto” (1982, p.9), não muito distante do significado que o dicionário nos trouxe. Além disso, *demanda humildade* (FREIRE, 1982, p. 11), postura que a professora Flávia mostra em

toda sua fala, do início ao fim de sua apresentação no FALE. Porém, para muitos alunos essa não é uma realidade. O ato de estudar se tornou algo completamente adverso da ideia de transformação, se tornando um momento apenas de memorização, onde o importante é repetir a palavra do outro, sem brechas para refletir acerca do assunto, ou sequer entender o porquê daquilo.

Lembro-me com clareza de algumas aulas de Matemática na minha época de Ensino Fundamental II. Nelas tínhamos que decorar a tabuada para mostrar à professora que “sabíamos”. Na verdade sabíamos apenas reproduzi-la, sem de fato entender o que era a tabuada e sua importância em nossa vida escolar e cotidiana. Muita das vezes “tomar a tabuada” como era dito na época, era sinônimo de castigo. Em uma ocasião, a professora chamou uma aluna para ser “tomada” a tabuada, por motivo de bagunça na sala de aula. Não só a colega, como toda a turma ficou com medo da professora, do que ela seria capaz de fazer. Se eu tivesse sido a “castigada”, não saberia responder toda a tabuada corretamente. Acredito que foi o mesmo que passou pela cabeça dos meus colegas. A protagonista do acontecimento, mesmo com medo, se mostrou segura diante da professora e respondeu tudo corretamente, ao contrário do que esperava a professora. O restante da turma vibrava no silêncio a cada resposta correta. Essa situação mostra como a ideia de estudar não vem sendo valorizada dentro da escola, local onde deveria. Nesse caso, a tabuada se transformou numa forma de punição. Infelizmente isso acontecia em várias escolas, talvez esse seja um motivo que fez com que muitos de nós não tenhamos afeto pela matemática.

Em outro momento de sua exposição no 16º FALE de São Gonçalo, disse Flávia Castilho:

Eu tenho participado em outros momentos de formação chamados de capacitação onde sou incluída por obrigação, o que é bem diferente. E, de verdade, eu sou contra até a capacitação, porque eu acho que a gente não se capacita, a gente se transforma no exercício diário do nosso ofício. (Flávia Castilho. 16º FALE São Gonçalo, 29/05/2013).

Uma questão que a Flávia nos provoca a pensar em sua fala é quanto ao termo capacitação. Com um tom de crítica, Flávia diz que “a gente não se capacita, a gente se transforma nos exercícios diários do nosso ofício”. A professora vem negando a ideia de que é necessário dar aos professores algo

que os falta, como se todos fossem incompletos e precisassem se reciclar ou se atualizar. Querem impor uma única maneira de formação, negando que:

(...) a nossa própria prática pedagógica, as saídas que cotidianamente vamos encontrando para cada situação vivida e cada problema encontrado também vão nos formando. (ALVES, 2004, p. 24).

Nilda Alves se coloca contra a ideia de capacitação oferecida pelo Governo, afirmando e defendendo o cotidiano escolar como a melhor forma de nos formamos. Acredito que a vivência no chão da escola, as conversas com outros professores, as leituras feitas, tudo isso ajuda no processo de formação e devem ser valorizados e legitimados. Portanto, esse tipo de formação continuada oferecida pelo Governo, é uma forma de desqualificar o trabalho. O FALE vem contrapondo essa ideia, pois para nós,

(...) pensar em movimentos instituintes de formação continuada significa se contrapor à formação como mercadoria, como resultante de ações que furtam a autonomia docente e discente sob a justificativa de garantir a qualidade educacional. Significa abandonar a ideia de iluminação, formatação do outro, tão caras às práticas e políticas de formação que comumente se auto intitulam “capacitação”, “reciclagem”, “atualização”. (SILVA, 2014, p. 89)

A autora é crítica ao fazer essa afirmação, pois aponta a tal capacitação oferecida pelas políticas de formação como uma forma de formatar, padronizar a formação continuada dos professores, fazendo com que esses professores sejam meros repetidores de práticas pedagógicas impostas e que não têm resultados satisfatórios na maioria das vezes. Sendo assim, onde fica a autonomia dos educadores? Na ideia de “reciclagem” que é oferecida, há pouca autonomia. É tirada a responsabilidade das mãos daqueles que tem o dever e o direito de ser o mediador dentro da sala de aula.

Ainda tratando do conceito de formação, Prado, Morais e Araújo discutem, que devemos entender a formação continuada como lugar de

(...) produção de um conhecimento que reconheça a escola como um lugar legítimo de produção de saberes legítimos e legitimados, o que pressupõe problematizar a ideia de que as universidades, as secretarias de educação e os centros de formação exteriores a escola, são os lócus privilegiados de produção de conhecimento. (2011, p.59)

É muito importante trazer essa questão à reflexão, pois existe uma ideia de que o conhecimento vem das Universidades e outros órgãos, desmerecendo a escola, não a enxergando como espaço de formação e de produção de conhecimento. É através das narrativas das professoras que esse conhecimento é produzido, a vivência no chão da escola traz muitas questões a serem estudadas e problematizadas.

Com essa perspectiva, acreditando numa escola de boa qualidade, com professores autônomos e pesquisadores de sua prática, que trabalhamos e também nos formamos a cada encontro do FALE. Concordo com a fala da professora Flávia, que viu na capacitação oferecida pelo Governo uma chance de continuar a oferecer aos alunos uma educação pobre e buscou fazer melhor em outros espaços, onde a prática da professora é respeitada e valorizada. Concordo também com Freire (2000) que nos diz que “é pensando a prática que aprendo a pensar e a praticar melhor” (p. 104-105), que professores e professoras vêm se formando, mas também nós, estudantes ou não, que participamos dos encontros do FALE, também nos formamos, repensando nossas práticas e futuras práticas.

Infelizmente a escola em que atuo não é um espaço de formação. Cada um faz seu trabalho, em sua sala e não há nenhum momento para que possamos pensar, discutir, refletir sobre a forma que estamos vivendo essa oportunidade de sermos professoras/es. Houve uma tentativa de formação continuada, que foi maravilhosa, realmente um momento de aprendizagem, de diálogo e de pensar a prática. Apesar de ter sido muito válido para todas as professoras, não houve mais esse espaço dentro da escola. O pedagogo que estava à frente da formação tinha uma ideia de educação diferente da defendida pela escola, que é tradicional, acredito que por esse motivo não houve mais encontros.

CAPÍTULO 3

15º FALE: CONHECENDO-ME PROFESSORA

Continuo seguindo com a ideia do capítulo anterior, intitulado “16º FALE: quando a fala do outro ajuda na minha formação”, onde trago algumas narrativas da professora Flávia Castilho e tento pensar a minha prática e como a narrativa desta professora pode contribuir em minha formação.

Neste capítulo trago algumas experiências vivenciadas por mim no 15º FALE. Este Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita em São Gonçalo aconteceu no dia 17 de Abril de 2013, também na Faculdade de Formação de Professores (FFP). Teve como tema “Literatura e poesia: construindo caminhos para a aprendizagem da leitura e da escrita no cotidiano escolar”. As convidadas a compartilhar suas experiências e saberes com os demais foram: a professora alfabetizadora da rede pública de São Gonçalo, Ane Helen Pereira Dias e a da FFP Glaucia Guimarães.

Em 2013, ano de sua participação no FALE, Anne Helen atuava como professora do 2º ano do Ensino Fundamental e também como coordenadora na Escola Municipal Padre Cipriano Douma no bairro de Nova Cidade, situado na cidade de São Gonçalo. Sua grande preocupação é dar uma educação significativa às crianças e tentar transformar a educação que vem sendo precariamente oferecida na rede. Da mesma forma a professora Gláucia estava como professora adjunta do Programa de Pós-graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais (PPGEDU - FFP/UERJ) e coordenadora do Curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação e comunicação, atuando na articulação de linguagens na produção de sentidos, tecnologias em educação, televisão e leitura na escola, segundo mostra seu Currículo Lattes.

Nesse link no canal online YouTube (https://www.youtube.com/watch?v=M6N7N-J_pf4,) temos acesso ao vídeo produzido por Rosilda, bolsista do projeto, que nos contempla com imagens

e informações a cerca deste fórum. Esse vídeo dura cerca de 3:45' e trás imagens feitas por outras colegas do projeto. Temos como objetivo que esse e os demais vídeos que são feitos, seja material de pesquisa para o grupo, nos auxiliando em nossas produções textuais, além de ser também um registro dos bons momentos de aprendizagem e partilha que o FALE nos convida a viver.

Como de costume, esse FALE teve início por volta das 9 horas da manhã, de uma quarta-feira, dessa vez no salão de eventos da FFP, onde comumente é usado como uma espécie de refeitório, onde os alunos usam para almoçar, pois há algumas mesas grandes e uma pequena cozinha. Acredito que não é um espaço muito utilizado para eventos. No site da Faculdade de Formação de Professores, pude conferir que realmente não é um dos espaços mais utilizados da Faculdade. De Fevereiro a Abril de 2013 (mês que aconteceu o 15º FALE), esse espaço foi utilizado apenas 12 vezes. Comparando com o mini auditório que foi usado nesse mesmo tempo, por cerca de 35 dias. Esse Fórum atingiu o por volta de 60 ouvintes, preenchendo todo o espaço do salão. De uma forma geral, esses participantes são estudantes de licenciaturas, principalmente de Pedagogia, tanto da FFP como de outras Universidades, estudantes de Curso Normal, professoras universitárias e professores/as da rede de São Gonçalo e alguns poucos leigos no assunto.

Esse número de ouvintes me entusiasma muito, mais ainda em perceber que esse acontecimento que é o FALE vem sendo vivido como experiência pelos estudantes de Pedagogia de nossa Faculdade, a quem também é destinado esse espaço. Experiência no sentido que Larrosa (2002) nos dá, como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. (p. 21). Ou seja, viver o momento e criando sentido para si. Pensar que tudo que acontece naquele espaço, possa acontecer de certa forma dentro de nós, em nossas práticas cotidianas, em nosso pensar pedagógico, em nossa relação com o outro, seja ele aluno, ou não... Que nos leve a transformação. Esse autor ainda diz mais:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais

devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes” (LARROSA, p. 24, 2002)

Como nos alerta Jorge Larrosa, temos que estar abertos para que essa experiência se dê. Apesar da agilidade de nosso tempo, nós professores, temos que estar atentos e sensíveis para vivê-la de fato. Estar num espaço de formação continuada como o FALE é uma possibilidade de exercitar esses “gestos de interrupção” a que se refere o autor. É uma atividade, ou seja, algo que tem que ser exercitado “devagar”, sentido. Além do número de estudantes ser significativo, percebo nas conversas informais, aquelas de “corredor”, o quanto as narrativas das professoras que participam do fórum têm ajudado na prática e formação dos alunos. Digo isto, me colocando como um desses alunos que veem no FALE uma oportunidade de aprendizagem que muitas das vezes não terá dentro da sala de aula e que compreendem que o saber se dá em diferentes oportunidades. A escola ou a Universidade não têm a hegemonia do saber, mas as “armas” para que esse saber seja aproveitado da melhor maneira. Ao contrário do que a sociedade vem afirmando para nós que é “(...) *na universidade que se produz o conhecimento crítico sobre o mundo (e, por conseguinte, também sobre a escola).* (MORAIS, 2012, p. 16). Essa é uma afirmação bastante duvidosa. Morais afirma mais:

Sua consequência é a fabricação de um saber que, reduzindo a realidade, simplifica a escola e o que nela se faz. Este paradigma, hegemônico ainda, alimenta certo olhar sobre a escola, entendendo-a como campo privilegiado de atuação e intervenção de especialistas: pesquisadores, acadêmicos, investigadores, cientistas, autoridades. (2012, p. 16)

Através das narrativas de professoras que participam dos Fóruns de Alfabetização na FFP, podemos pôr fim a tal ideia de que a escola é fracassada e portanto, precisa ser salva pela Universidade, pois a cada FALE reafirma-se que a escola está repleta de saberes e conhecimentos. Esses são obviamente saberes diferentes dos produzidos nas Universidades, mas não menos importantes. “Assim, posicionando-me a favor da escola e defendendo que os sujeitos que nela existem, resistem e insistem, são legítimos produtores de conhecimentos” (MORAIS, 2012, p. 17) e que há com urgência a

necessidade de que principalmente o corpo docente escolar perceba esse valor epistemológico que a escola carrega, para partindo daí a sociedade possa vir a enxergar que há muito que se pesquisar com a escola.

Trago neste capítulo algumas das falas da professora Ane Helen ocorridas durante o 15º FALE, onde trouxe para compartilhar um pouco do que vive dentro de sua sala de aula. Essas falas mostram aspectos importantes de uma prática que não é tradicional. Quando me refiro a tradicional trago com a ajuda de Paulo Freire o conceito de educação bancária que caracteriza essa ideia de tradicionalismo. Assim, o autor define: “concepção bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-lo” (1999, p. 33). É exatamente o contrário da concepção bancária, que Ane Helen mostrou sua prática e relação com seus alunos. A todo instante enquanto contava sobre suas vivências docentes, percebia o quanto de Paulo Freire ela trazia em sua postura como professora e como isso era importante dentro de sua sala. A partir de sua prática emancipatória, seus alunos ganhavam abertura para ampliar mais seus conhecimentos.

Ao presenciar essa professora narrando suas experiências com seus alunos, despertou em mim a vontade de ser uma professora que não se conforma com o que está posto, procurando novos caminhos, novos meios de *ensinaraprender* e que acredita na força da educação e na transformação do sujeito. Senti-me encorajada. Talvez essa seja a melhor forma de expressar o que senti naquele momento. Encorajada a encarar a realidade de uma escola pública que é tão mal vista e mal falada, onde os alunos não têm credibilidade e confiança. Ver uma professora como a Ane Helen narrar momentos de aprendizagem com seus alunos só aumentou a esperança de que sou capaz de como ela, a Flávia e tantas outras, tornar a sala de aula e a escola um espaço diferente do que vem sendo. Além disso, fortificou “A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria” (FREIRE, 1999, p. 29). Acredito que esse sentimento de esperança esteja morrendo nos professores hoje, devido a tantos fatores complexos que envolvem a educação. Porém, busco e desejo que minha crença numa educação libertadora, que transforme a realidade educacional vigente.

Essas narrativas usadas não somente neste capítulo, mas em todo o trabalho monográfico foram são adquiridas através de transcrições. Todos os encontros do FALE são gravados e, em seguida as bolsistas de nosso grupo de pesquisa realizam a transcrição de tudo que foi dito, ou seja, as gravações são ouvidas e transcritas da forma em que foram ditas. Esse é um de nossos materiais de pesquisa. Muito nos interessa ouvir as professoras, a fim de que possamos pensar com elas a nossa prática ou futura prática.

3.1 Histórias em comum

Figura 10: Professora Anne Helen no 15º FALE na FFP.



Fonte: Arquivo do GPALE, 2013.

Logo no início do 15º FALE a professora Ane Helen contou como foi sua entrada na escola. Parecia que eu estava me vendo contando minha própria história. Identifiquei-me muito com a fala dessa professora. Ela disse:

Então a primeira vez que eu coloquei meu pezinho dentro de uma sala de aula não tinha formação de professora. Eu tinha feito a nível médio, a formação geral e a primeira oportunidade que surgiu pra eu entrar numa sala de aula, é uma dessas que a gente tem de bairro,

escola particular que atende aquelas crianças do entorno, mas que não necessariamente você precisa ser professor para ocupar aquele espaço da escola e foi isso que aconteceu. (Ane Helen Pereira Dias. 15º FALE São Gonçalo, 17 de Abril de 2013).

Aconteceu comigo da mesma forma. De uma maneira inesperada, iniciei como docente numa escola no bairro que resido, o Fonseca, em Niterói, onde iniciei em 2011 como auxiliar de professora numa turma de crianças de 3 anos e permaneci até o término desta monografia (2015 já como professora regente). Em meu primeiro ano na escola aprendi bastante com a professora da turma. De fato eu a auxiliei, dei suporte em todos os momentos necessários. Essa é a tarefa da auxiliar de professora: ajudar no que for necessário, desde uma tarefa à troca fralda. No ano seguinte fui efetivada como professora, acompanhando a mesma turma, agora já com 4 anos.

Assim coloquei meus pés pela primeira vez na sala de aula como professora regente, ocupando um lugar tão importante e que na realidade acho que eu ainda não compreendia tamanha responsabilidade que estava em minhas mãos. Muitos devem achar que para ser professor de criança não são necessários muitos requisitos, que qualquer pessoa, pode lecionar na Educação Infantil. Segundo Maria Malta Campos (1994), antes de pontuarmos as qualidades para o profissional de educação infantil, temos que analisar quais são os objetivos que desejamos alcançar com as crianças: um serviço “assistencialista” ou “educacional”? Acredito que muito das críticas que nós, professores de educação infantil sofremos é exatamente por sermos vistos somente como aquela que cuida, ou seja, que oferece uma assistência à criança. Portanto, qualquer pessoa sem formação pode exercer essa tarefa. Porém, bem sabemos que ser professor de crianças pequenas requer estudo e formação teórica para nos nortear na prática. Não podemos ter uma prática oca, vazia, sem construção teórica que nos ajude a pensar sobre os caminhos que a escola nos leva. Apesar de toda dedicação que esse professor deve ter, Malta (1994), ressalta que:

o prestígio e salário das professoras de pré-escola costumam ser mais baixos do que o de professores que se ocupam de outras faixas

etárias: quanto menor a criança, menor o "status" de seu educador.
(pag. 33)

Talvez o baixo salário apontado pela autora seja um dos motivos para que o professor das crianças pequenas seja tão desprestigiado, sendo visto como alguém que não necessita de preparo para tal atribuição. Admito que bem no meu interior eu pensava desta forma negativa e ignorante. Com o passar do tempo dentro da Universidade como também da escola, pude perceber que estava equivocada e todos os que pensam dessa forma também. Infelizmente.

Ser professor na Educação Infantil requer de nós algumas qualidades para que o trabalho seja feito da melhor maneira, atendendo as demandas que as crianças necessitam no processo de *ensinoaprendizagem*. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2010), temos que entender a criança como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (pag. 12)

A partir do momento que temos esse entendimento do que é ser criança, nossa postura como professor muda, pois começamos a compreender a responsabilidade a nós lançada. Há três anos leciono na mesma escola e muitas crianças já passaram por mim e me ajudaram a me formar professora. Sendo assim, compreendo que um professor de crianças pequenas necessita ter uma relação horizontal com eles, olhar em seus olhos ao falar; ter a capacidade de ouvir o que cada um tem a dizer; se deixar aprender com o que eles têm a ensinar; não ter uma visão preconceituosa sobre diversas situações; ajudá-los a conquistar autonomia, a desenvolver habilidades; incentivá-los em qualquer tipo de atividade, mostrando que eles são capazes de fazer sempre melhor; mostrar a importância da leitura e da escrita na sociedade; estimulá-los a imaginação entre tantas outras qualidades e acima de tudo pela “convivência amorosa com seus alunos”. (FREIRE, 1999, p. 7). Não venho dizer que são

coisas fáceis de fazer, mas são muito importantes para o professor que deseja oferecer o melhor para seu aluno. Eu tenho dificuldades em exercer algumas dessas competências no meu dia-a-dia com meus alunos, mas compreendendo o grau de importância que existe, assim faço um esforço diário, dia após dia na tentativa de oferecer o meu melhor.

Ao longo deste 15º FALE muitos foram os momentos que pude ver minha história como professora sendo contada através das experiências da professora Anne Helen. Mais a frente ela disse:

porque a gente enquanto professor, a gente se forma em vários espaços, mas a gente se forma muito também, com os professores que passaram por nós, por nossas vidas, olhando lá o nosso professor alfabetizador e os professores que foram passando por nós, a gente já tem um panorama do que é ser professora, embora isso depois de uma formação vai se desconstruindo na prática. (Anne Helen Pereira Dias. 15º FALE São Gonçalo, 17 de Abril de 2013).

Eu embora ainda em processo de formação, completando minha graduação já posso compreender o que essa professora traz, vive e sente. Posso concordar com essa fala, pois acredito que minha carreira profissional teve grandes influências positivas de professores que conheci durante minha trajetória escolar, que me inspiraram de alguma forma a ser também uma professora e amar essa profissão. Pois como Freire (2001) nos diz: “Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos na prática social de que tornamos parte”. (pag. 43). De fato é assim que percebo essa influência que tive. No decorrer de minha vida escolar, alguns professores foram me marcando. Essa prática social a qual nos inserimos, nos ajuda na escolha dos caminhos que percorreremos. Isso é válido não somente para a vida profissional. Em nossa vida pessoal, essa ideia também se aplica.

Figura 11: Professora Anne Helen no 15º FALE na FFP.



Fonte: Arquivo do GPALE, 2013.

Na infância o desejo em ser professora teve força. As brincadeiras de “escolinha” como me referia, eram um sucesso entre eu e minhas amigas de mesma idade, mas sempre achei que em mim esse “ser professora” era diferente. Eu brincava com mais vigor que elas, me parecia. Tanto que somente eu segui a carreira docente, enquanto elas seguiram outros rumos profissionais. Hoje percebo com a ajuda de Paulo Freire (2001) que:

Eu tinha, na verdade, desde menino, um certo gosto docente, que jamais se desfez em mim. Um gosto de ensinar e aprender que me empurrava à prática de ensinar, que, por sua vez, veio dando forma e sentido àquele gosto. (p. 40).

Alegra-me entender que essa brincadeira de infância já era algo que estava entranhado em mim desde pequena. Algo que parecia ser apenas uma brincadeira (que na época era) me transformou e vem me ajudando a me constituir a profissional que estou me tornando, pois defendo a ideia de que “a gente não é, de que a gente está sendo.” (FREIRE, 2001, p. 40). Nessa perspectiva vivo a experiência docente.

Fico feliz em saber e ter a compreensão de que esses professores do passado me ajudam hoje em minha formação. É na tentativa de lembrar o passado vivido ao lado deles, que penso a minha prática hoje. O querer ser professora fez parte da minha vida por muito tempo, até que cheguei ao Ensino Médio, tudo mudou e esse desejo foi se perdendo. Todo aquele carinho por parte dos alunos que era dedicado aos professores não existia mais. Infelizmente não havia mais respeito por parte dos alunos. Recordo-me de diversas cenas que me envergonhavam, como: deixar recado desrespeitoso no quadro, colocar tachinha na cadeira; o deboche sobre o seu modo de se vestir... Essas situações me desmotivaram muito a continuar com o desejo de ser uma professora. Nada melhor que o tempo e as vivências para que possamos mudar algumas opiniões e querer enfrentar alguns desafios, pois sei que serão muitos pelo caminho. Dessa forma aqui estou eu, concluindo meu curso de graduação em Pedagogia e esperançosa para que dias melhores venham. Esperança essa “de que professor e aluno juntos, podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria” (FREIRE, p. 29, 1999). Acreditando na força da escola e de seus sujeitos que minha esperança se alicerça. Se nós, professores não trabalharmos com esse sentimento no coração, a educação brasileira pode percorrer caminhos outros. Depende muito de nós para que esses dias melhores cheguem o mais breve.

Continuando a reflexão a cerca das falas da Anne Helen, ela se indagou dizendo: “Como transformar tudo aquilo que a gente discutia em escola, em práticas potentes para os meus alunos? Práticas realmente que tivessem sentidos pra aquelas crianças que estavam ali.” (Anne Helen. 15º FALE São Gonçalo, 17/04/2013). Acredito que essa seja uma indagação coletiva, que muitos professores se fazem. Ter um espaço de discussão com outros colegas de profissão é sem dúvidas, enriquecedor. Paulo Freire nos diz que: “por isso é que na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática” (1999, p. 18) como já citei algumas vezes nesse trabalho monográfico. Ouvir o outro e poder ser ouvida é uma ação de pura reflexão. Porém, toda essa aprendizagem tem que sair da teoria, dos seminários, dos congressos, temos que vivê-la na escola, para que ela seja de fato o começo para a mudança que tanto queremos ver na educação.

Gosto muito de espaços de discussão e formação. Fazer parte de um grupo de pesquisa que preza o coletivo me ensina muito. Temos reunião do grupo toda quinta-feira e como é de costume, deixo a reunião pensando sobre algum tema discutido. Isso é muito bom. É sinal de que estar nesse coletivo vale à pena para mim, me faz mudar algumas formas de pensar e agir na minha sala de aula. Como Pedagogos devemos “Pensar a prática enquanto a melhor maneira de aperfeiçoar a prática.” (FREIRE, 2000, pag. 11). Pensar a prática como diz Freire é também discuti-la coletivamente. Já deixei algumas práticas tradicionais que havia adotado por outras onde os alunos tenham mais liberdade. Sei que ainda preciso mudar outras. São momentos ricos de aprendizagem como esse, que me fazem libertar aos poucos desse tradicionalismo que cerca a escola até hoje.

Em uma de nossas reuniões a professora Jacqueline nos contou, que no início de seu magistério como professora de Educação Infantil, tinha o costume de fazer uma oração juntamente com as crianças, antes de lanche. A princípio eu não vi problema, pois sou cristã e acredito que esse ato não faça mal algum. Porém, ao ouvir sua narrativa, me convenci em não continuar agindo dessa forma com a minha turma. Todos os alunos são cristãos? Dessa forma estamos forçando as crianças a fazerem algo que não faz parte do seu costume familiar e que não faz sentido algum para elas. Há tantos tipos de religião em nosso país e há ainda pessoas que não tem religião alguma, ou que nem acreditam que existe um Deus.

Eu praticava oração em agradecimento pelo lanche todos os dias com a minha turma. Naquele instante preferi não comentar com o grupo. Guardei para mim. Na ida para a escola, enquanto estava no ônibus pensei muito na fala da Jacqueline e em como eu devia agir depois de ter ouvido tudo aquilo. Sugeri para mim mesma em parar com a oração. No momento do lanche, as crianças começaram: “Papai do céu, obrigada...”. Eu não consegui interferir naquele momento em que já estão habituados. Confesso que não tive coragem naquele dia em mudar a rotina deles, mas a conversa que tivemos no grupo ficou em minha memória durante mais alguns dias. Na mesma semana, resolvi sugerir as crianças uma mudança. Não expliquei o verdadeiro motivo a eles. Não sei se fiz certo em agir dessa maneira, mas resolvemos juntos em cantar apenas uma música, afinal, fazíamos uma oração e duas músicas. Usei o argumento

de que demorávamos muito tempo para lanchar fazendo tudo aquilo e eles ficavam com mais fome. Por fim, eles resolveram cantar apenas a famosa música “Meu lanchinho, meu lanchinho vou comer...” Acredito assim, que essa é uma forma de colocar em prática o que ouvimos e vivemos e aprendemos nesses espaços de formação. Apesar de não ter de fato conseguido, pensar sobre esse erro que eu estava cometendo já é uma forma de pôr em prática essas novas aprendizagens, que são possíveis através do poder das narrativas e dos coletivos docentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentei trazer neste trabalho algumas questões que julgo serem de grande relevância para se pensar a educação que temos hoje em nosso país e mais, como nós educadores estamos vivendo o dia a dia da sala de aula e como estamos nos formando enquanto professores nesse cotidiano. Penso que essas questões todos os educadores deveriam estar sensíveis a percebê-las. Assim acredito que essa monografia possa ajudar a tantos professores que ainda carregam fortes marcas de uma educação tradicional em suas práticas, levando-os a perceberem que há muitas outras formas de ser professor.

Um ponto que destaco nesta monografia é a importância dos espaços de formação continuada para os professores atuantes em sala de aula, pois entendo esse espaço como um momento de dialogicidade, como nos diz Freire. É um momento de ouvir experiências e aprender com elas, provando assim que podemos aprender com as narrativas docentes.

Fazer esse trabalho monográfico foi uma oportunidade de mergulhar mais nos ideais que Paulo Freire nos trouxe há tantos anos atrás e perceber que a forma de alfabetizar pessoas usada por ele, faz sentido ainda hoje no ano de 2015, onde as políticas públicas tentam calar essa liberdade por ele pregada. O mais interessante é saber que existem professores/as que acreditam nessas ideias e tentam a cada dia vivê-las em suas salas de aula.

Ao longo dos capítulos trago algumas falas da professora Flávia Castilho e Anne Helen Pereira Dias, falas essas que nos fazem pensar um pouco o que é ser professor/a hoje, ou melhor, o que é ser professora pesquisadora. Nessas narrativas há muito do que nos traz o mestre Paulo Freire, pois são professoras preocupadas com a formação crítica e emancipatória de seus alunos. Neste sentido, além de formar seus alunos, o objetivo de ambas é se formar com suas práticas da sala de aula. Esse é um desafio que as professoras Flávia e Anne Helen vêm tentando vencer e que nos ajuda a encarar o cotidiano da escola assim como elas. Através de suas experiências compartilhadas no FALE, percebemos que não estamos sós e que problemas existem em todas as escolas ou salas de aula, basta estarmos preparadas para revertê-los.

Essas docentes apresentam algumas características que as fazem ser diferentes e fazer a diferença. Vejo que elas possuem sensibilidade para perceber o que acontece, que ouvem as vozes tão emudecidas das crianças;

possuem o afeto, bem diferente de autoritarismo, que traz junto a confiança; mostram o bom humor na relação tanto com seus alunos, como na vida de uma forma geral e a humildade como se colocam diante das situações, numa posição de horizontalidade diante dos alunos.

As falas da professora Anne Helen me ajudaram a pensar que professora sou e quero me tornar, além de algumas questões importantes a serem pensadas a cerca da formação docente. Acredito que uma das grandes contribuições que essa professora nos traz é pensar na importância que é a formação docente para um professor, mostrando que ser professor não é uma profissão que qualquer pessoa pode exercer, como infelizmente acontece em nosso país. Talvez essa crença que existe possa influenciar nos baixos salários dos docentes, problema esse que é pauta de muitas discussões e ultimamente manifestações em algumas partes do Brasil.

Deste modo, defendo que a formação docente é a base fundamental para capacitar esses profissionais a trabalhar com o ensino. Investir a formação dos professores é uma forma de respeitar os alunos, oferecendo o que é de direito deles, ou seja, educação de qualidade.

Os professores que passaram por nossa vida estudantil são grandes influenciadores de nossa escolha profissional. Muitos marcaram minha vida e me ajudaram a escolher essa nobre profissão: docente. Através das muitas relações que mantenho até hoje com alguns deles, fui me constituindo professora. Algumas aprendizagens vieram a partir da admiração por qualidades que possuem e outras até mesmo por situações negativas. Porém, acredito que também os momentos ruins me ajudaram nessa caminhada, pois a partir de exemplos negativos posso hoje, não desejar fazer o mesmo com meus alunos.

Assim concluo esse escrito monográfico, porém apenas os escritos, pois essa é uma eterna pesquisa. Penso que esse é um compromisso que faço comigo mesma enquanto professora: refletir sobre minhas práticas e ouvir a prática do outro como legítima e repleta de conhecimentos, que podem me ajudar a transformar-me e a “buscar e encontrar *pontos de fuga, movimentos instituintes, ações cotidianas* que ressignificam” (MORAIS, 2012, p. 16) tais práticas. Assim, não há como ser a mesma, fazer as mesmas coisas, pensar da mesma forma, após ter vivido momentos como os que eu tive a chance de

viver, como o grupo de pesquisa GPALE (Grupo de Pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita), conviver no espaço de formação continuada que é o FALE e estar em eventos acadêmicos que tanto me enriqueceram.

As experiências narradas pelas professoras Anne Helen e Flávia Castilho, são apenas um pouco do que é o Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita de São Gonçalo a partir do meu olhar, do lugar que eu ocupo, podendo ter diferentes significados e importância para tantos outros. Concordo com Moraes (2012), que aponta esse espaço como *encontros de dizer*. Não sendo esse um dizer “ao vento”, mas um dizer que forma, que causa efeitos e transforma.

Ser uma professora comprometida verdadeiramente com sua prática, apesar de todas as faltas, ausências e problemas que tem a escola é ser leal com a profissão que escolheu seguir. Infelizmente essas faltas acabam se tornando algumas vezes, álibis para uma pedagogia do silenciamento, do oprimido e do tradicionalismo. A pedagogia libertadora, em que “os homens se sintam sujeitos do seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão de mundo”, (FREIRE, 2014, p. 69), na qual acredito e que tanto ouvimos Paulo Freire nos dizer é deixada de lado, sendo esquecida e desmerecida.

Acredito que tudo que trouxe aqui neste trabalho não pode ficar estagnado, mas há de brotar do papel não somente para minhas práticas, mas também para de todos os/as professores/as que desejam ser diferentes do que vem sendo em seu dia a dia. Que nós professores/as possamos narrar nossas histórias da sala de aula, sejam elas de sucesso ou não, para que no coletivo possamos pensar junto e fazer das futuras práticas melhores e mais significativas para nossos alunos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. *Imagens de professoras e redes cotidianas de conhecimento*. Educar, Curitiba, n. 24, p. 19-36, 2004. Editora UFPR.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CAMPOS, M. M. Educar e cuidar: questões sobre o perfil do profissional de educação infantil. In: BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Por uma política de formação do profissional em educação infantil*. Brasília: MEC/SEF/Coedi, p.32- 42, 1994.

DIB-FERREIRA, Declev; NASCIMENTO, Lúcia. *História Ambiental do Morro do Céu: A atuação dos diversos atores sociais*. Monografia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Considerações em torno do ato de estudar. Rio de Janeiro: Paz e Terra (6ª edição), pp. 09-12, 1982.

_____, Paulo. *A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. Cortez, São Paulo: 1989, 23ª Edição.

_____, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra (57ª Edição), 2014.

_____, Paulo. *Política e Educação – questões da nossa época*. São Paulo, Cortez Editora, 2001.

_____, Paulo. *Professora sim, tia não – cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água, 2000.

GALEANO, Eduardo. *O Livro dos Abraços*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. História do Ceará. Disponível em <<http://www.ceara.gov.br/historia-do-ceara>>. Acessado em: 08/03/14

MACEDO, Viviane. REVISTA ABRIL. *12 Atrações no litoral do Ceará*. Disponível em: <<http://viajeaquie.abril.com.br/materias/atracoes-no-litoral-do-ceara?foto=11#11>>. Acessado em: 08/03/14.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Analfabetismo no país cai de 11,5% para 8,7% nos últimos oito anos.* Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=19110:analfabetismo-no-pais-cai-de-115-para-87-nos-ultimos-oito-anos&catid=204&Itemid=86>. Acessado em: 27-03-14.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil.* Brasília, 2010.

MORAIS, Jacqueline. *Alfabetização: Desafios da prática alfabetizadora.* Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa, v.2, n. 3, set./fev. 2008. Disponível em <<http://www.redalyc.org/pdf/879/87920311.pdf>>. Acessado em: 16-12-14.

MORAIS, Jacqueline de Fátima. Formação de professoras alfabetizadoras em rede: A experiência do Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita. Junqueira&Marin Editores Livro 2 - p.002783. XVI ENDIPE – *Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino - UNICAMP* – Campinas, 2012.

OLIVEIRA, MORAIS, BRAUN. *Rodas em sala de aula: alguns aspectos relativos ao ensino e aprendizagem no cotidiano do Ensino Fundamental.* Cadernos do Aplicação, Porto Alegre, v. 23, n. 1, jan./jun. 2010. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/view/11573>>. Acessado em 22-12-14.

OLIVEIRA, Vera Maria Barros de. A brincadeira e o desenho da criança de zero a seis anos: uma avaliação psicopedagógica. In: OLIVEIRA, V.B. & BOSSA, N.A.. (Org.). *Avaliação psicopedagógica da criança de zero a seis anos.* 19ed. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2012, v. 1, p. 21-56.

PINA, Patrícia Kátia da Costa; SAMPAIO, Dilcéia Almeida. *Textos, leitores, literatura(s)... Ler, hoje?* Revista Augustus. Rio de Janeiro, Ano 15, N. 30, 2010. Disponível em <http://apl.unisuam.edu.br/augustus/images/edicao30/pdf/rev_aug_30_art07.pdf>. Acessado em: 31-05-14.

PRADO, Guilherme; MORIAS, Jacqueline; ARAÚJO, Mairce. *Processos de (auto) formação docente no cotidiano da escola: horizontes de possibilidades.* RPD – *Revista Profissão Docente, Uberaba*, v.11, n. 24, p. 53-67, jul/dez. 2011. Disponível em <<http://www.revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/506>>. Acessado em 19-12-14.

PREFEITURA DE NITERÓI. *Cultura: Fundação de Arte de Niterói. Caramujo.* Rio de Janeiro, 2013. Disponível em <<http://culturaniteroi.com.br/blog/?id=327>>. Acessado em: 19/03/14.

SAMPAIO, Carmem. RIBEIRO, Thiago. HELAL, Igor. *Experiência, diálogo e indagação: a formação docente como experiência filosófica.* Revista

Contemporânea de Educação N^o 11 - janeiro/julho de 2011. Disponível em <<http://siaiweb06.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/4578>>. Acessado em: 31-05-14.

SAVIANI, Demerval. *Pedagogia Histórico-crítico: Sobre a natureza e especificidade da Educação*. 3^a ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1991.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Você sabe a origem do Dia do Professor? Conheça a história por trás do 15 de outubro. Disponível em <<http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/voce-sabe-a-origem-do-dia-do-professor-conheca-a-historia-por-tras-do-15-de-outubro>>. Acessado em: 23-03-14.

SECRETARIA MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE NITERÓI. *Fonseca*. Rio de Janeiro, 1991. Disponível em <<http://www.ddp-fan.com.br/bairros/fonseca.htm>> Acesso em: 19/03/14.

SILVA, Aline. *Narrar a experiência e reescrever a prática: professoras alfabetizadoras em processo de formação continuada*. 160 p. Tese (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.